

Revista
PRAIAVERMELHA

Estudos de Política e Teoria Social

v. 24 n. 2

Julho/Dezembro 2014

Rio de Janeiro

ISSN 1414-9184

Revista Praia Vermelha	Rio de Janeiro	v. 24	n. 2	p. 289-617	Jul/Dez 2014
------------------------	----------------	-------	------	------------	--------------

EDITORIAL

A profissão do Serviço Social na América Latina, na sua origem muito vinculada à questão sanitária e sob forte influência belga, tem sua *pedra fundamental* na criação da primeira Escola no Chile, em 1925, pelo médico Alejandro del Río.

Trata-se, portanto, de uma profissão muito jovem no nosso continente. Isto remete a duas questões centrais:

Primeiramente, ao tratarmos da profissão no subcontinente latino-americano, é mister considerar a *unidade na diversidade* que o peculiariza.

A região, contrariamente à “Pátria Grande” que almejavam Simon Bolívar e San Martín ou ao “Federalismo” que visava Artigas, se compõe de países independentes, produto de variados e complexos *processos independentistas* (compare-se a revolução mexicana, p. ex., com as lutas de libertadores na Argentina, Venezuela e Uruguai, com a instauração da república no Brasil imperial), com culturas originárias diversas e divergentes, com imigrantes procedentes de diversos países europeus, variados caminhos de escravidão, conformando *populações bem diversas* (se compararmos, p. ex., o cone sul, Argentina, Chile, Uruguai e o sul do Brasil com países como Bolívia, Peru, Guatemala e México, ou com a Venezuela, Colômbia e as regiões do café no Brasil), ainda, que apresentam *graus de desenvolvimento industrial* bem diversos (contrastando Brasil, Argentina e México, com

Paraguai, Equador e Costa Rica, p. ex.), variados nos seus recursos naturais, conformando colônias diferentes, com diferentes níveis de organizações políticas e sindicais, de desenvolvimento urbano etc. Ainda mais, no particular dos processos acadêmicos e profissionais do Serviço Social, apresentam níveis de desenvolvimento e institucionalidade universitários diferentes, onde em alguns países convive uma formação universitária com níveis técnicos, e organicidade e legitimidade profissionais diversos, em relação às organizações profissionais (conselhos, colégios e grêmios) e acadêmicas (associações de escolas), assim como à elaboração de códigos de ética, currículos, planos de estudo ou Pensa, na formação profissional.

Não obstante esta *diversidade* histórico-nacional da região, e esta diferencialidade acadêmica e profissional, a América Latina se apresenta na sua *unidade*: trata-se de uma região periférica no capitalismo global, conformada por ex-colônias, ainda hoje preservando sua situação de dependência no desenvolvimento desigual e combinado (ver Trotsky, Lênin, Marini, Prado Jr., Cuevas etc.), com uma multiculturalidade e multietnicidade, agravando e complexificando as manifestações da questão social, onde se desenvolve uma superexploração da força de trabalho, constituindo uma região com profunda desigualdade social, com políticas e serviços sociais estatais precários, assim como direitos trabalhistas pouco avançados, e uma política neoliberal que a partir dos anos 90 tem devastados os direitos sociais, políticos e trabalhistas.

Em segundo lugar, falamos de *uma profissão historicamente jovem*, com um recente desenvolvimento acadêmico.

Desde a sua constituição até os anos 50 a formação profissional estava voltada fundamentalmente para intervenções assistencialistas e comportamentais, sustentando a qualificação dos Assistentes Sociais nos conhecimentos instrumentais (economia doméstica, planejamento, atividades manuais de trabalho e renda etc.) e comportamentais (psicologia, moral, religião etc.) para fundar seus processos interventivos.

Apenas a partir dos anos 50, com o início do processo de “democratização” das universidades, mudando o perfil do estudante de Serviço Social, cada vez mais oriundos da classe trabalhadora, e fundamentalmente a partir de meados dos anos 60, com o início do chamado Movimento de Reconceitualização no Serviço Social, emoldurados no “desenvolvimentismo”, nas lutas sociais, e no impacto da Revolução Cubana, é que o Serviço Social co-

meça a inicialmente absorver e mais tarde produzir conhecimento teórico. Porém, uma teoria que na sua origem é certamente limitada. É uma teoria:

- a) *indiferenciada*, que não distingue a teoria marxista das ciências sociais;
- b) *acrítica*, que não contrasta a formulação teórica com a realidade objetiva;
- c) *eclética*, que não atenta para os valores, perspectivas e fundamentos de cada corrente e de cada formulação teórica, articulando todas como conhecimentos “complementares”;
- d) *reducionista*, que se sustentava em textos de divulgação e manuais (como Marta Harnecker), não dialéticos (como Luis Althusser, Mao Tse-Tung), pequenos ensaios e artigos, e não nos autores seminais e textos centrais (como as obras de Marx, de Weber e de Durkheim);
- e) *endogenista*, como forma de desenvolver uma suposta “teoria específica do Serviço Social”, esta emanada da “prática profissional” e voltada para a mesma, numa relação pragmática e imediata entre teoria e prática.

Estas características, dos inícios do conhecimento teórico no Serviço Social, derivou num *esvaziamento e tergiversação de conteúdos*, tratando, por exemplo, a *perspectiva de totalidade* como “globalidade”, a *dialética* como “dialógica”, a revolução como “mudanças”, a classe trabalhadora como “classe popular”, e remetendo, analogamente, o movimento da tese-antítese-síntese, próprios da dialética hegeliana, na interpretação do suposto processo de desenvolvimento da “Assistência Social/Serviço Social/Trabalho Social”.

Com tais características próprias de uma jovem profissão, na incorporação e na produção teórica, a partir dos anos 50, sob os influxos da Reconceitualização, interrompida pelas ditaduras militares no subcontinente, o Serviço Social latino-americano ingressa nos anos 80, sob um cenário de reinstitucionalização democrática, de crise capitalista e de transformações neoliberais nos países centrais, desenvolvendo em geral uma estratégia de “retorno ao passado”, recuperando os currículos, as autoridades universitárias, os docentes, a bibliografia etc. anteriores aos anos 70. Tal estratégia, anacrônica, levou a formar profissionais e produzir conhecimentos a partir de uma realidade já inexistente, a dos anos 60 e início dos 70, da Reconceitualização, a do “desenvolvimentismo” na América Latina, prévia às ditaduras militares e no cenário da guerra fria. Incapazes de pensar, portanto, a nova realidade, de profunda crise capitalista, de fim da União Soviética, de hegemonia neoliberal. Caminho contrário seguiu o Brasil, cujo processo de

renovação fez fortalecer uma vertente que enfrenta o histórico conservadorismo na profissão, mas pagando o preço de um certo distanciamento do Serviço Social brasileiro em relação aos restantes países da região.

Nos anos 90, a região vive uma onda de profundas contrarreformas com os governos de orientação neoliberal, com Carlos Menem na Argentina, Fernando Collor/FHC no Brasil, Alberto Fujimori no Peru, Carlos Salinas de Gortari no México, Gonzalo Sanchez de Lozada na Bolívia, César Gaviria na Colômbia, Carlos Andrés Pérez na Venezuela etc. Neste cenário, enquanto o Serviço Social brasileiro consolida sua pós-graduação, sua produção teórica e seu projeto ético-político, começa um processo de reaproximação do Brasil com os países hispano-americanos: estabelecimento de convênios em pós-graduação (PUC-SP/La Plata, Argentina e UFRJ/UdeLaR, Uruguai), lançamento da Biblioteca Latinoamericana (da Cortez) levando a produção brasileira ao castelhano, participação cada vez maior de profissionais brasileiros nos eventos internacionais da região.

O novo século traz também ao subcontinente uma nova realidade; na continuidade da política neoliberal a ascensão de governos de “esquerda” (Chavez na Venezuela, Bachelet no Chile, Vazquez no Uruguai, Lula no Brasil, Morales na Bolívia, Correa no Equador, Ortega na Nicarágua, Lugo no Paraguai, Zelaya em Honduras). Não obstante, o novo cenário regional não trouxe a unidade das esquerdas nem o aumento das lutas populares e trabalhistas. Muito pelo contrário, a presença de governos de “esquerda” desencadeou numa certa letargia nas lutas de classes, na disjuntiva entre o enfrentamento das políticas neoliberais e o apoio a tais governos. A esquerda se dividiu entre “governistas” e “não-governistas”. E no interior do Serviço Social isto não foi diferente; vejam-se especialmente os casos da Argentina (separando os “kirchneristas” dos “não-kirchneristas”) e do Brasil (dividindo o campo do projeto ético-político entre “petistas” e “não-petistas”).

As “ondas” na América Latina continuam mostrando aquela unidade na diversidade, quando na segunda década dos 2000 os governos de esquerda começam a sofrer processos de verdadeiros “golpes de Estado institucionais” (golpes revestidos de legalidade), como contra Zelaya em Honduras 2009, contra Lugo no Paraguai em 2012, e o caminho em processo para o impeachment de Dilma no Brasil.

Neste cenário os desafios para o Serviço Social na América Latina são muitos. Consolidar a articulação latino-americana, promovendo o inter-

câmbio da produção teórica, dos debates acadêmicos, e das experiências profissionais e organizativas. Aprofundar a capacidade de compreensão crítica da realidade contemporânea. Avançar na articulação do Serviço Social com as organizações populares para enfrentar o aprofundamento da política neoliberal e regressiva que o capital molda para garantir sua margem de lucro neste contexto de aprofundamento da crise global.

São estes e outros os desafios que motivaram a organização de um volume da *Revista Praia Vermelha* sobre “Serviço Social Latino-Americano: Questões Contemporâneas”. Assim, o Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFRJ, pela responsabilidade que tem assumido na formação em pós-graduação de inúmeros profissionais, professores e pesquisadores dos diversos países da região e na disseminação do pensamento crítico na América Latina, não podia se furtar a esse desafio.

A revista orientou-se a discutir as seguintes questões:

os fundamentos do Serviço Social; as condições do mercado de trabalho profissional e os desafios para o exercício da profissão; a formação profissional dos assistentes sociais, pós-graduação, pesquisa e produção do conhecimento em face dos rumos da universidade na atualidade; a atuação do assistente social no âmbito das políticas sociais e o neoliberalismo; o enfrentamento contemporâneo das expressões da questão social por parte do Estado e os desdobramentos para o Serviço Social; as lutas sociais presentes na América Latina e os possíveis impactos para os assistentes sociais.

Conformamos este volume com as contribuições de vários autores, oriundos de diversos países, sobre os variados temas, com uma (1) entrevista realizada, dois (2) ensaios encomendados, seis (6) artigos selecionados sobre o tema central e três (3) artigos de temas variados.

Dos doze (12) textos neste volume, há autores de seis (6) países da América Latina: cinco (5) da Argentina, três (3) do Brasil, um (1) do Chile, um (1) da Colômbia, um (1) do México e um (1) de Porto Rico: uma exemplar amostra da aludida unidade na diversidade.

Carlos Montaña
Fátima Grave
Yolanda Guerra

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

REITOR

Carlos Antônio Levi da Conceição
PRÓ-REITORA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Débora Foguel

**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DIRETORA**

Andréa Teixeira
VICE-DIRETORA
Sheila Backx
DIRETORA ADJUNTA
DE PÓS-GRADUAÇÃO
Rosana Morgado

EDITORES

José María Gómez (ESS - UFRJ)
José Paulo Netto (ESS - UFRJ)
Maria de Fátima Cabral Marques Gomes
(ESS - UFRJ)
Myriam Lins de Barros (ESS - UFRJ)

COMISSÃO EDITORIAL

Carlos Montaña (ESS-UFRJ)
Fátima Grave (ESS-UFRJ)
Yolanda Guerra (ESS-UFRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Alcina Maria de Castro Martins (ISMT, Coimbra-Portugal), Ana Elizabete Mota (UFPE-PE), Antonia Jesuíta de Lima (UFPI-PI), Berenice Couto (PUC-RS), Casimiro Balsa (CESNOVA/UNL-Portugal), Cibele Rizeck (USP-SP), Cleusa dos Santos (UFRJ-RJ), Consuelo Quiroga (PUC-MG), Denise Bomtempo Birche de Carvalho (UNB-DF), Edésio Fernandes (University College London - Inglaterra), Elizete Menegat (UFJF-MG), Helena Hirata (GEDISST-GNRS-França), Ivete Simonatto (UFSC-SC), José Fernando Siqueira da Silva (UNESP-SP), Júlio de Assis Simões (USP-SP), Leilah Landim (UFRJ-RJ), Liliane Capilé Charbel Novaes (UFMT-MT), Marcelo Badaró (UFF-RJ), Margarita Rosas (Universidad de La Plata-Argentina), Maria Carmelita Yasbeck (PUC-SP), Maria da Ozanira Silva e Silva (UFMA-MA), Maria das Dores Campos

Machado (UFRJ-RJ), Maria Liduína de Oliveira e Silva (UNIFESP-SP), Maria Lúcia Carvalho Silva (PUC-SP), Maria Lúcia Martinelli (PUC-SP), Maria Lúcia Weneck Vianna (UFRJ-RJ), Michael Lowy (EHESP-França), Monica Dimartino (Universidad de La Republica de Uruguay-Uruguai), Neli Aparecida de Mello (USP-SP), Potyara Amazoneida Pereira (UnB-DF), Ricardo Antunes (UNICAMP-SP), Rogério Lustosa Bastos (UFRJ-RJ), Salviana Pastor Santos Sousa (UFMA-MA), Sérgio Adorno (USP-SP), Sueli Bulhões da Silva (PUC-RJ), Sulamit Ramon (London School of Economics-Inglaterra), Valéria Forti (UERJ-RJ), Vera da Silva Telles (USP-SP), Vera Lúcia Gomes (UFPA-PA), Vicente de Paula Faleiros (UnB-DF).

ASSESSORIA TÉCNICA

Fábio Marinho
Márcia Rocha

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Márcia Rocha

REVISÃO

Andréa Garcia Tippi

PESQUISA DE IMAGENS

Márcia Rocha

**DESIGN EDITORIAL
E DIAGRAMAÇÃO**

Fábio Marinho

WEB DESIGN

Fábio Marinho

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos (Praia Vermelha)
CEP 22.290-240 Rio de Janeiro - RJ
(21) 3873-5386
revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha

Foto de capa: Marcelo Camargo/Abr